

REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | DOSSIÊ

É no vale que a gente se encontra: caminhos trilhados por coletivos LGBTQIAPN+ no Maranhão e em Rondônia

We meet in the valley: paths taken by LGBTQIAPN+ collectives in Maranhão and Rondônia

*Nos encontramos en el valle: caminos recorridos por colectivos LGBTQIAPN+ en Maranhão y Rondônia*Valdenia Guimarães e Silva Menegon
Sâmia Valéria Nascimento de Oliveira
Geyciele Quézia Silva Dourado**RESUMO**

Os coletivos LGBTQIAPN+ reúnem pessoas que fogem aos padrões hegemônicos de orientação sexual e de gênero e combatem a invisibilidade e as violências. Este artigo utiliza a pesquisa documental e a análise dos discursos vinculados às redes sociais da Associação de Gays, Lésbicas e Profissionais do Sexo (AGLEPS) de Caxias/MA e do Coletivo LGBTQIAPN+ Somar, de Porto Velho/RO. Objetivou-se analisar a estruturação desses movimentos, nos espaços físicos e cibernéticos. O trabalho indicou que os grupos, em sua organização, ainda enfrentam dificuldades de atuação, sendo também lugares de acolhimento e segurança para os integrantes.

Palavras-chave: Coletivos LGBTQIAPN+; Ciberativismo; Análise do discurso.

ABSTRACT

LGBTQIAPN+ collectives bring together people who flee hegemonic patterns of sexual orientation and gender. These movements combat invisibility and violence. The article uses documentary research and analysis of the discourses linked to the social networks of the Associação de Gays, Lésbicas e Profissionais do Sexo – AGLEPS de Caxias, Maranhão and the LGBTQIAPN+ Somar Collective of Porto Velho, Rondônia. This study aimed to analyze the structuring of these movements in physical and cybernetic spaces. The study indicated that the groups, in their organization, still face difficulties in acting, even though they are also places of reception and safety for the members.

LGBTQIAPN+ collectives bring together people who deviate from hegemonic standards of sexual orientation and gender. These movements combat invisibility and violence. The article uses documentary research and analysis of discourses linked to the social networks of the Association of Gays, Lesbians and Sex Workers – AGLEPS of Caxias/MA and the Coletivo LGBTQIAPN+ Somar of Porto Velho/RO. The objective was to analyze the structuring of these movements, in physical and cyber spaces. The work indicated that the groups, in their organization, still face difficulties in operating, and are also places of welcome and security for the members.

Keywords: LGBTQIAPN+ collectives; Cyberactivism; Speech Discourse analysis.

RESUMEN

Los colectivos LGBTQIAPN+ reúnen a personas que huyen de patrones hegemónicos de orientación sexual y género. Estos movimientos combaten la invisibilidad y la violencia. El artículo utiliza la investigación documental y el análisis de los discursos vinculados a las redes sociales de la Associação de Gays, Lésbicas e Profissionais do Sexo – AGLEPS de Caxias, Maranhão y el Colectivo LGBTQIAPN+ Somar del Porto Velho, Rondonia. Este estudio tuvo como objetivo analizar la estructuración de estos movimientos en espacios físicos y cibernéticos. El estudio indicó que los grupos, en su organización, aún enfrentan dificultades para actuar, a pesar de que también son lugares de bienvenida y seguridad para los miembros.

Los colectivos LGBTQIAPN+ reúnen a personas que se desvían de los estándares hegemónicos de orientación sexual y género. Estos movimientos combaten la invisibilidad y la violencia. El artículo utiliza investigación documental y análisis de discursos vinculados a las redes sociales de la Asociación de Gays, Lesbianas y Trabajadores Sexuales – AGLEPS de Caxias/MA y el Coletivo LGBTQIAPN+ Somar de Porto Velho/RO. El objetivo fue analizar la estructuración de estos movimientos, en espacios físicos y cibernéticos. El trabajo indicó que los grupos, en su organización, aún enfrentan dificultades en su funcionamiento, y son también lugares de acogida y seguridad para los integrantes.

Palabras-clave: Colectivos LGBTQIAPN+; Ciberactivismo; Análisis del discurso.

Esse *babado* precisa ser iniciado: introdução às pautas LGBTQIAPN+¹ em Caxias/MA e Porto Velho/RO – o comum entre dois paralelos

Em meio às discussões acerca do fim do casamento homoafetivo, impetradas pela extrema-direita brasileira nos últimos meses, o presente artigo é um esforço de trazer para o debate estratégias utilizadas e articuladas em rede, impetradas por dois coletivos LGBTQIAPN+, grupos formados por pessoas *praticantesdissidentes*², que não conformam padrões hegemônicos de

¹ A sigla se refere a pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres e homens trans, pessoas transmasculinas, não binárias e demais dissidências sexuais e de gênero.

² Ao longo do texto serão utilizadas palavras justapostas, tendo como referência os estudos com os cotidianos, de modo especial, por se tratar de uma pesquisa que lida com formas de engajamento realizadas por duas entidades da sociedade civil organizada que utiliza as redes sociais para disseminar pautas e, no processo, acabam por disseminar saberes, que em outros

orientação sexual e identidade de gênero. Pessoas que fogem ao padrão da *heterocisnormatividade*³ são historicamente negligenciadas e invisibilizadas pelo pensamento colonial eurocêntrico, em grande medida, alicerces dos costumes e tradições da sociedade brasileira. Tais comportamentos excluem e desvinculam grupos de pessoas que desenvolvem *formasdeserviver* sua existência de maneira dissidente.

Para fins de compreensão, entendemos as organizações do movimento LGBTQIAPN+ como instituições constituídas por *praticantespensantesdissidentes*, sujeitos que não se conformam com os não-lugares instituídos pelos padrões que a sociedade lhes impõe e que se organizam, performando a vida de acordo com suas demandas e sentimentalidades e que colocam suas vidas e seus corpos a serviço de toda uma comunidade.

Nessa perspectiva, esses grupos intitulados LGBTQIAPN+ acumulam nas suas resistências diversas violências e constantes violações de direitos considerados universais e permanentemente negados às pessoas que não se enquadram nos padrões coloniais, ocidentais e brancos. Nesse sentido, perceber-se e sentir-se parte de uma comunidade/grupo traz a essas pessoas LGBTQIAPN+, conforto e segurança em um mundo de preconceito e homofobia.

Desta forma, propomo-nos identificar e analisar os discursos produzidos por duas organizações da sociedade civil organizada, voltadas à defesa dos direitos dessas populações nos municípios de Caxias, no estado do Maranhão, e Porto Velho, no estado de Rondônia, quais sejam: Associação de Gays, Lésbicas e Profissionais do Sexo (AGLEPS), de Caxias - MA, e o Coletivo

espaços não são tratados. De acordo com Inês Barbosa de Oliveira (2008, p. 165), é preciso analisar o fato de que “[...] os processos de criação de conhecimento científico são, sempre, processos sociais nos quais as estruturas sociais, as relações de poder, as circunstâncias do momento, as possibilidades da competência científica e da vida pessoal dos pesquisadores, os *espaçotempos* nos quais tudo será pensado, vivido e produzido se enredam. Assim, não podemos mais, nessa perspectiva, continuar acreditando nem na neutralidade do conhecimento científico nem nas fronteiras que a modernidade pretendeu estabelecer entre essas diferentes instâncias e dimensões. A partir desse entendimento, o cotidiano não pode mais ser percebido nem como *espaçotempo* dissociado dos espaços de produção do conhecimento, nem como *espaçotempo* de repetição e mera expressão do chamado senso-comum.”

³ O termo remete ao padrão existente na sociedade, que prima pelo padrão de normatividade dada às pessoas cisgênero e heteroafetivos. Sendo os demais grupos considerados como fora do padrão aceito como normativo.

LGBTQIAPN+ Somar, de Porto Velho - RO. A ideia foi fazer uma comparação entre as pautas trazidas e os discursos veiculados nas redes sociais das duas entidades.

A pesquisa se insere ainda no campo dos estudos do cotiando, na medida em que tenta recuperar a relevância do trabalho desenvolvido por esses coletivos e a validade dos conhecimentos e práticas por eles produzidos ao longo das suas trajetórias. Além disso, pesquisar sobre o trabalho empreendido por entidades da sociedade civil organizada, suas pautas e estratégias utilizadas é um esforço de reconhecer a riqueza das ações trazidos por essas organizações.

A escolha das duas entidades deveu-se ao fato de que duas das pesquisadoras residem em Caxias, no Maranhão, das quais uma é lésbica, engajada no movimento negro, e a outra é madrinha de um movimento LGBTQIAPN+ do Município, apesar de ser uma mulher cisgênero e heteroafetiva. A terceira pesquisadora reside em Porto Velho, é uma mulher lésbica e já estuda a temática. Afora isso, a ideia foi escolher duas entidades que desenvolvessem estratégias de atuação aproximadas, fazendo uso das redes sociais e com períodos de existências diferentes. Apesar da existência de outros coletivos, a escolha pelas duas entidades se justifica também pela maior facilidade para a geração de dados nas redes sociais, bem como pela disponibilidade de acesso à documentação de constituição.

O trabalho também é resultado da parceria firmada entre pessoas pesquisadoras dos dois estados e que compõem o Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde, da Universidade Federal de Rondônia, que tem fomentado esse tipo de articulação em diferentes territórios do país. Um exemplo disso é o trabalho desenvolvido com a temática do letramento racial nos dois estados pesquisados neste artigo. Ressalte-se que as duas entidades, apesar de trajetórias diferentes, articulam-se nas pautas defendidas e nas estratégias utilizadas.

Para este fim, foi realizada uma pesquisa documental e análise das Redes Sociais (ARS) dos discursos produzidos por essas entidades, tendo como fonte as postagens públicas disponíveis nas plataformas *Facebook* e *Instagram* desses movimentos sociais LGBTQIAPN+, que promovem em suas

plataformas digitais nas redes sociais, engajamento voltado a pautas oriundas dessa comunidade.

Em Foucault (2008), o discurso representa uma dimensão de produção da realidade social. Não é uma mera junção de enunciados do campo linguístico, mas uma prática sócio-histórica, na qual os sujeitos expressam o encerramento do sentido e a possibilidade de construção de frases e proposições a serem enunciadas a partir de condições dadas em espaços/tempo particulares. Desse modo, buscamos analisar todo o enunciado, tudo o que as duas entidades puderam dizer e, no que foi dito, suprimir num determinado campo de práticas, as formações discursivas presentes. Nesse sentido, as legendas, fotografias e *cards* se apresentaram como um rico material de análise. Sobre discurso, Foucault (2008, p. 85, grifos no original), esclarece que

Atrás da fachada visível do sistema, supomos a rica incerteza da desordem; e sob a fina superfície do discurso, toda a massa de um devir em parte silencioso: um "pré-sistemático" que não é da ordem do sistema; um "pré-discursivo" que se apoia em um essencial mutismo.

O enunciado carrega silêncios, haja vista que mesmo o dito pode não revelar toda a intencionalidade ou a carga de mutismos que carregam os discursos. Assim, precisamos ficar vigilantes no sentido de não imaginarmos que iremos esgotar todas as possibilidades de análise de tudo o que foi evidenciado, já que mesmo naquilo que é dito, podem ser retirados os silêncios. Não foi, portanto, nossa intenção esgotar as possibilidades de análises dos discursos presentes nas publicações das duas entidades abordadas. Antes, sim, foi uma tentativa de compreender os modos como os dois coletivos buscam atingir seus públicos, por meio de suas publicações. Compreendemos que

[...] a análise de redes sociais, desse modo, trabalha com a representação dos grupos como *sociogramas* (grafos sociais), que são analisados a partir das medidas de suas propriedades estruturais. Nessa metáfora, os laços ou relações sociais constituem as conexões entre os nós (ou nodos) que são os atores sociais. Dependendo do objeto estudado, assim, as conexões podem ser observadas como interações, relações

informais, ou laços sociais mais estruturados (RECUERO, 2017, p. 21).

Ao estudarmos sobre a ocupação de espaços digitais por organizações da sociedade civil e, de modo mais evidente, aquelas que demandam pautas da comunidade LGBTQIAPN+ e de mulheridades, percebe-se que houve uma ampliação de acesso a essas ferramentas nos últimos anos, à medida em que também se ampliavam ataques de grupos ligados à extrema-direita em várias partes do planeta.

A estruturação dos movimentos LGBTQIAPN+, mesmo que em territórios diferentes, consolidou-se a partir da tessitura de redes que se articularam por meio de diversos mecanismos cujo intuito era furar bolhas nos diferentes *espaçostemposociais* em que, de maneiras nem sempre conscientes, encontravam-se pares, desafios e modificavam-se, a si mesmos e aos outros, na mesma medida e ao mesmo tempo. As redes sociais se apresentaram como um desses mecanismos de construção de grupos de apoio e de disseminação de discursos direcionados ao grupo de LGBTQIAPN+, mas também para suas famílias e toda a sociedade.

Nos últimos anos, com o crescimento de grupos com forte teor *masculinista*⁴, reforçou-se nessas entidades a necessidade de ampliar suas atuações e enfrentar toda ordem de preconceitos, discriminações e outras violências, incluindo o ceifar de vidas LGBTQIAPN+⁵. Esses grupos *tribalistas masculinos* se constituem em movimentos violentos, extremistas e contraditórios, estruturados a partir da lógica supremacista masculina sobre o feminino e outros gêneros. No Brasil, eles se tornaram famosos a partir da identidade *Hed Pill*, que acumula milhões de seguidores nas redes sociais.

O artigo se divide nessa parte inicial, seguida do tópico que trata sobre a organização do movimento e as experiências das duas

⁴ “As principais ideias dos masculinistas envolvem o ódio ou repulsa às mulheres, sendo estas vistas apenas como meras reprodutoras. Eles também repudiam grupos LGBTQI+, que lutam por direitos. Também defendem a escravidão, a atuação em gangues e seguir uma natureza agressiva própria dos homens, mas que, por conta do desenvolvimento tecnológico, acabou por deixar a maioria dos homens sem poder exercer favoravelmente a sua masculinidade como ela deve ser exercida” (MENEGON; RIBEIRO, 2021)

⁵ O Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil (2023) denunciou que, durante o ano de 2022, ocorreram 273 mortes LGBT de forma violenta no Brasil. Dessas mortes, 228 correspondem a assassinatos, 30 suicídios e 15 faleceram de outras causas.

É no vale que a gente se encontra: caminhos trilhados por coletivos LGBTQIAPN+ no Maranhão e em Rondônia

organizações LGBTQIAPN+ e a adoção do ciberespaço como território de luta e organização de coletivos. O tópico seguinte faz a análise dos discursos vinculados nas redes sociais pela AGLEPS em Caxias no Maranhão e o Coletivo SOMAR em Porto Velho, Rondônia, seguida de uma parte final, que se denomina inconclusiva, mas que contém nuances de algumas possibilidades de análise.

É no Vale que pessoaspensantes se encontram: grupos sociais LGBTQIAPN+ no município de Caxias, Maranhão e em Porto Velho, Rondônia.

A organização de movimentos sociais alinhados às denominadas maiorias minorizadas⁶, aqui compreendidas como *praticantespensantes*, tais como os movimentos negro e LGBTQIAPN+ de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e outras pessoas que não conformam padrões hegemônicos de orientação sexual e identidade de gênero (LGBT+), no Brasil, guardam e preservam em suas constituições e desdobramentos, algumas semelhanças e afinidades, entre as quais o permanente esforço de aproximação institucional com os órgãos estatais, seja em nível municipal, seja estadual, seja federal.

Para além dessa afinidade, pode-se observar que as entidades desses movimentos investiram bastante na ocupação do espaço cibernético, o que foi intensificado pela eclosão da Covid-19. Ocorreu, gradativamente a compreensão de que as formas de comunicação em massa tornaram o acesso à informação mais dinâmico e acessível a uma maior parcela de pessoas logisticamente distantes dos grandes centros urbanos. Desse modo, as redes sociais mostraram-se mecanismos acessíveis na disseminação de informações. Essas ferramentas têm sido fortemente utilizadas por ativistas e

⁶ Conceito cunhado pelo teórico Richard Santos (2020), que se refere ao fato de que alguns grupos sociais, como a população negra, é maioria em termos demográficos, a exemplo das mulheres negras, que representam 28% da população brasileira, mas minoria no que se refere à garantia à cidadania plena, aos cargos de poder e decisão. O conceito indica desse modo, como as pessoas pertencentes a esses grupos são percebidas pelas sociedade e alijadas de direitos básicos.

movimentos sociais, empreendendo um *ciberativismo* potente, a partir do uso da Internet.

Para Sérgio Amadeu da Silveira (2010, p. 31), o ciberespaço apresenta-se como “[...] um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na Internet”. Essa ferramenta tem ganhado uma forte adesão por ser um espaço em que mais pessoas têm acesso rápido àquilo que se quer alcançar, e as informações chegam com mais rapidez ao público almejado. Assim, é possível destacar que, com a ampliação do uso das ferramentas digitais, esse espaço cibernético não pode ser analisado como neutro, já que

Dinâmicas sociais, de modo algum podendo ser compreendidas como artefatos neutros, uma vez que são orientados por concepções, posicionamentos políticos e filosóficos na produção daquilo que o usuário final pode interpretar como desprezioso e universal. Termos de uso, design, desempenho e usabilidade, entre outras variáveis, são construídas, criticadas e estudadas com base nas concepções de grupos específicos (BARROS; UALI; FONSECA, 2022, p. 46-47)

Desse modo, o *ciberespaço* se transformou em um território de disputas de narrativas, de interação e de exposição de enunciados, ligados aos campos da política, da ciência, da intelectualidade, da economia, da cultura e de outros campos de atuação. Esse espaço cibernético foi sendo ocupado por *peçoaspraticantes*, sujeitos plurais, com matizes diferenciadas, muitas vezes desarmônicos, mas que utilizam múltiplos mecanismos de mobilização e que buscam engajamento para suas pautas e reivindicações.

Ao propor mapear e analisar as redes sociais desses movimentos, buscamos dinamizar as fontes e documentos de pesquisa, no intuito de conseguir respostas associadas ao modo como essas entidades, em seus cotidianos, articulam-se em rede e quais os principais enfoques utilizados para a divulgação das pautas LGBTQIAPN+, que, historicamente, são invisibilizadas e excluídas pelos canais oficiais de mídia, sejam governamentais, sejam não-governamentais.

Nesse aspecto, não podemos esquecer que, apesar de garantir uma maior rapidez na entrega de notícias, informações e formações, o algoritmo se estrutura pela via da colonialidade⁷ e dos dispositivos de racialidade⁸. Isso é passível de constatação, de modo especial, pelo fato de que os espaços das plataformas digitais são controlados pelas grandes corporações de tecnologia, com destaque para as *big techs* que integram a sigla GAFAM, isto é, os conglomerados digitais, Google, *Facebook* (que controla também o *Instagram* e *WhatsApp*), Apple, Amazon e Microsoft, que ditam as regras de todo o processo. Isso significa dizer que

[...] as tecnologias e seus modos de tratamento e armazenamento, bem como os fluxos de dados não beneficiam todas as populações nem enriquecem do mesmo modo todas as comunidades e localidades (CASSINO; SOUZA; SILVEIRA, 2023, p. 08).

Apesar disso, o ciberespaço é um território que necessita ser amplamente utilizado pelos movimentos sociais como uma ferramenta de disseminação de pautas, eventos e divulgação de processos, bem como de denúncias de violação de direitos. O uso das ferramentas digitais se apresenta ainda como um mecanismo de tessitura de redes de apoio e contatos, que extrapolam os territórios locais e sinalizam novos modos de construir coletividades para além de territórios locais. Elas também se apresentam como forma de aquilombamento, na medida em que articulam pessoas de diferentes territórios, mas que encontram, uns nos outros, o fortalecimento de suas comunidades.

Esses coletivos, em permanente construção, buscam em grande medida ir ao encontro de uma perspectiva de inclusão e resistência a partir do trabalho desenvolvido por esses movimentos sociais LGBTQIAPN+, que têm o potencial

⁷ O conceito de colonialidade, criado por Anibal Quijano (2005), defende a ideia da existência de uma matriz de poder que nasceu no período Renascentista e o Iluminismo no processo de colonização das Américas e culmina na atualidade a partir do neoliberalismo. Essa matriz de poder se estrutura a partir de quatro eixos que se interseccionam, quais sejam: controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade.

⁸ Sueli Carneiro (2023, p. 13) denomina de dispositivo de racialidade, “[...] um domínio que produz poderes, saberes e subjetividades pela negação e interdição de poderes, saberes e subjetividades. Pode-se dizer que o dispositivo de racialidade instaura, no limite, uma divisão ontológica, uma vez que a afirmação do ser das pessoas brancas se dá pela negação do ser das pessoas negras”.

de conquistar a adesão de pessoas simpatizantes e o engajamento de *peçoassujeitos*, que se sentiam excluídas pela divergência de comportamentos padrões da sociedade.

Ao refletir sobre a criação e trajetória dos movimentos sociais LGBTQIAP+, não se pode deixar de fazer referências ao fato de que sua origem está ligada ao enfrentamento aos casos de violência e privação de direitos fundamentais, como o famoso caso da Rebelião de Stonewal, em 28 de junho de 1969, na cidade de Nova York (EUA), quando gays, lésbicas, travestis e *drag queens* resistiram a policiais que faziam abordagens degradantes em bares gays.

Esses eventos representaram o marco da luta do movimento LGBTQIAPN+, que se estendeu mundialmente e hoje reverbera coletivamente o orgulho e a resistência em existir e performar, independentemente de padrões da *heterocisnormatividades*. Ao longo do processo histórico, as pautas foram se ampliando e novos agrupamentos foram se juntando a esses grupos iniciais.

No Brasil, o embrião desses movimentos se organizou e se processou a partir da década de 1970, a partir de reuniões em bares, clubes e residências, à época, denominados de guetos. No ano de 1978, foi editado o primeiro jornal de circulação nacional abordando a temática homossexual, “O Lampião da Esquina”, ligado ao chamado “movimento homossexual brasileiro” (MHB). No ano seguinte ocorreu o Primeiro Encontro Brasileiro de Homossexuais e, no ano de 1983, o Grupo de Ação Lésbica Feminista organizou um protesto, em repúdio à expulsão de mulheres lésbicas de um bar na cidade de São Paulo. Esse evento foi relevante para a inclusão da letra L, representando o segmento lésbico na sigla, que mais tarde se ampliaria até chegar ao que existe na atualidade.

O movimento LGBTQIAPN+ no Brasil se organizou, sobremaneira, a partir do enfrentamento à epidemia da Aids, denominada de forma preconceituosa como a “peste gay”. Esse período, extremamente difícil para as pessoas LGBTQIAPN+, representou o momento de organização da luta coletiva, um dos marcos da consolidação desse movimento. Foi nesse período que se deu a estruturação do Grupo Gay da Bahia, em 1980, o maior coletivo de defesa dessa comunidade existente até hoje no País.

Desse período em diante, a luta da comunidade LGBTQIAPN+ tem girado em torno dos movimentos de despatologização da homossexualidade, da luta contra a AIDS, do combate aos diversos processos que se propõem à cura gay, da luta pelo direito à redesignação sexual, do direito à união estável e casamento entre pessoas LGBTQIAPN+, da alteração do nome no Registro Civil para pessoas *trans*, da criminalização da homofobia. Uma das pautas mais significativas diz respeito ao combate à violência impetrada contra pessoas LGBTQIAPN+.

Apesar da subnotificação dos dados e do pouco investimento em coleta de dados que possam embasar a elaboração de políticas públicas, a Acontece Arte e Política LGBTI+, a ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais, a ABGLT - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos, disponibilizam dossiê de mortes e violências contra pessoas LGBTQIAPN+. De acordo com Dossiê (2022), entre 2000 e 2022, 5.635 (cinco mil e seiscentas e trinta e cinco) pessoas morreram em função de sua orientação afetivo-sexual. Só em 2022, foram registrados um total de 273 mortes de pessoas LGBTI+.

É no Vale que *peçoaspensantespraticantesdissidentes* se encontram: grupos sociais LGBTQIAPN+ no município de Caxias, Maranhão e em Porto Velho, Rondônia.

Em meio a todo esse processo, foi criada em Caxias MA, em 2008, a Associação de Gays, Lésbicas e Profissionais do Sexo (AGLEPS). A Entidade se estruturou a partir de denúncias de homofobia sofrida por Edilson Ferreira, ou, como é conhecido, Edilson da COHAB, uma figura emblemática do Movimento LGBTQIAPN+ no Maranhão. Apesar do seu Estatuto datar de 2008, a entidade foi criada no ano de 2006⁹, momento em que foi realizada a Primeira Parada Gay no município, mais tarde nominada de Parada da Diversidade, que está em sua 13ª Edição. De acordo com seu Estatuto Social, no Artigo 2,

⁹ Em 2006, o Brasil vivia sob a égide do primeiro governo de Luís Inácio Lula da Silva. Período de efervescência dos movimentos sociais, de uma maior abertura de diálogo entre entidades da sociedade civil organizada e o Estado brasileiro. Esse momento também foi importante para a estruturação de diversas organizações não-governamentais, na qual a AGLEPS se enquadra.

A AGLEPS é constituída como uma organização de construção e desenvolvimento da cidadania, conscientização dos direitos humanos, educação, defesa e esclarecimento dos assuntos voltados aos homossexuais (masculinos e femininos) da cidade de Caxias-MA (AGLEPS, 2008).

Um ponto relevante a ser destacado no referido artigo é que a AGLEPS, apesar de ao longo do tempo passar a fazer a defesa de grupo de pessoas transexuais e toda a população não-binária, não consta no seu Estatuto Social essa pauta. Prevalece, assim, ainda uma linguagem binária, de atendimento a pessoas que se identificam com o “masculino” ou “feminino”. O que se pode aferir é que a entidade, no ato da sua constituição, voltava-se para o atendimento de gays, lésbicas e profissionais do sexo e não abarca outras denominações.

No que diz respeito às profissionais do sexo, apesar de esse grupo compor o nome da Entidade, entre os objetivos previstos no seu Estatuto Social, não constam ações voltadas para esse público. No inciso IX, consta apenas “Criar e executar projetos voltados à prevenção do câncer uterino, mamário, DST/AIDS e outros, visando a qualidade de vida das lésbicas” (AGLEPS, 2008).

A Diretoria da Entidade é composta pela Assembleia, Coordenação e Conselho Fiscal, sendo todas as três instâncias colegiadas, cada uma com suas funções específicas e independentes uma das outras, mas articuladas entre si. O Estatuto prevê a participação de todas as pessoas associadas à Entidade através da Assembleia Geral. O Capítulo VI do Estatuto Social, é direcionado aos associados, e seu artigo 11 define os critérios de afiliação à entidade, limitando a associação de pessoas à aprovação pela Coordenação. Desse modo

A AGLEPS será constituída por um número limitado de pessoas, sem distinção de raça, sexo, categoria social ou crença religiosa cuja proposta de afiliação seja ratificada pela Coordenação, desde que tenham sua ficha de inscrição devidamente preenchida e aceitem as normas vigentes neste Estatuto e Regimento Interno.

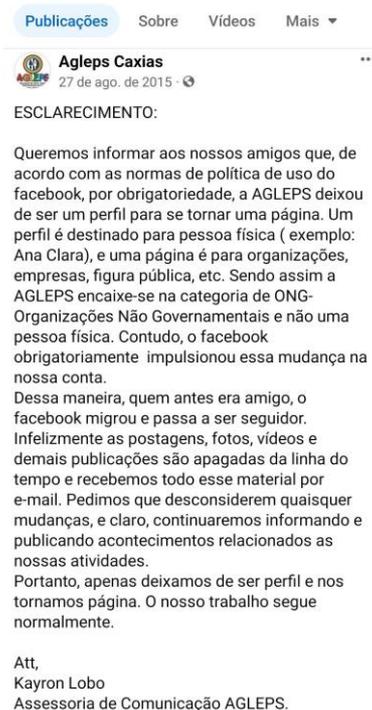
É relevante observar que, apesar de o Estatuto garantir que qualquer pessoa pode se filiar à Entidade, independente de raça e crença religiosa, não

É no vale que a gente se encontra: caminhos trilhados por coletivos LGBTQIAPN+ no Maranhão e em Rondônia

foi possível verificar no documento a intersecção entre as questões de raça, gênero e sexualidade. Não existe no Estatuto qualquer menção à racialidade no debate proposto pela Entidade.

Em se tratando do uso de Redes Sociais, foi possível verificar as publicações realizadas pela entidade entre os anos de 2015 e 2016 na plataforma *Facebook* e nos anos de 2021 até a atualidade no *Instagram*¹⁰. A primeira postagem no Facebook ocorreu no dia 27 de agosto de 2015 e indicava a criação do perfil como página. A postagem notificava os seguidores de que a AGLEPS deixava de ser um perfil e se tornava uma página pública. A publicação também informava que as postagens feitas anteriormente, como perfil, haviam sido excluídas. Também informava que Associação se inclui na categoria de ONG (AGLEPS, 2015).

Imagem 1 – Esclarecimento



Fonte: https://www.facebook.com/paradadiversidade.caxias?locale=pt_BR

A postagem acima possui cunho informativo, mas anuncia também uma vitória da entidade, já que deixou de ser um perfil, o que dá a ideia de ser um ente meramente físico, individual e passou a ser uma página, o que representa que a entidade possui um estatuto jurídico. A AGLEPS também afirma em

¹⁰ No caso da AGLEPS, fizemos a análise apenas do FACEBOOK

seus enunciados que possui uma Assessoria de Comunicação cuidando de suas redes sociais, o que pode modificar o modo como a comunidade atribui valores positivos diante do processo de organização da Associação.

Outra postagem relevante diz respeito à organização da I Conferência Municipal LGBT de Caxias - MA e Região, com o tema “Por uma Caxias e região que criminalize a violência contra LGBT”. A publicação teve um cunho informativo e destacava a participação da AGLEPS na realização da Conferência em parceria com a Coordenação Municipal de Direitos Humanos, ambas, responsáveis pela organização do evento.

Imagem 2 – I Conferência Municipal LGBT de Caxias e Região



Fonte: https://www.facebook.com/paradadiversidade.caxias?locale=pt_BR

Essa conferência foi realizada em dezembro 2015, e seu tema constitui um óbvio apelo ao enfrentamento a todas as formas de violência contra essa população. O Evento reuniu militantes do Coletivo e de outras organizações e teve a participação de agentes públicos. Na imagem 2, está Michele Melo, ao microfone, representando o poder público e, à mesa, o então vereador Jerônimo Ferreira Cavalcante Filho, membros da AGLEPS e outros ativistas.

Outras publicações presentes na página da Entidade no Facebook relatam ações desenvolvidas, notas de pesar, denúncias de homofobia, homenagens a apoiadores, bem com o participação em eventos organizados por outras organizações da sociedade civil e do poder público, o que aponta a construção de uma rede de contato e articulação em âmbitos municipal e estadual.

A segunda entidade analisada foi o Coletivo Somar de Porto Velho/RO, criada em setembro de 2019, e que tem por objetivo atuar junto ao Movimento LGBTQIAPN+, em princípio no município de Porto Velho, mas abrangendo todo estado de Rondônia. Como o próprio seu nome indica, o Somar visa sempre à inclusão das diversidades e a interseccionalidade nas ações desenvolvidas na comunidade, além de fomentar ações, como rodas de conversa, mostras de filmes, grupos de estudo, saraus culturais, festas, conforme descrito em suas redes sociais *Instagram* e *Facebook*¹¹.

O Coletivo Somar atualmente tem a participação de 07 coordenadores e conta com a parceria de outros movimentos sociais LGBTQIAP+ da região, tais como o Grupo Comunidade Cidadã Livre (COMCIL), que também atua junto à população LGBTQIAPN+, principalmente transexuais, e de outros grupos vulneráveis na cidade há mais tempo. O Somar é, atualmente, a entidade de Porto Velho com maior liderança no movimento LGBTQIAPN+ local, conforme apontam o engajamento e as mobilizações realizadas por meio das redes sociais Instagram e Facebook.

Com atribuições específicas, a estrutura do Coletivo obedece aos seguintes cargos: Coordenação Geral; Coordenação de Cultura; Coordenação de Projetos e Pesquisa; Coordenação de Recursos Humanos; Planejamento; Coordenação de Mídias; e Coordenação de Design. Relevante destacar o fato de que essa entidade já possui uma coordenação voltada para assuntos de mídias, indicando a importância das interações no ciberespaço.

Apesar de não possuírem sede própria para funcionamento, o Coletivo movimenta suas redes sociais, consegue seguidores e engaja simpatizantes e pessoas LGBTQIAPN+ a partir da divulgação de ações permanentes e já participa de editais de financiamento de projetos, sendo inclusive selecionados.

O Coletivo vem realizando atividades desde o início de 2019, e o mais recente é o projeto Orgulho com Local, com o qual ocuparam espaços históricos da capital. Também têm ofertado eventos com a temática e cultura da diversidade, além da importante programação do mês do Orgulho LGBTQIAPN+ em 2020, incluindo o formato virtual, onde realizaram ações

¹¹ A Entidade ainda não possui Estatuto Social, o que inviabilizou a análise de documentos como Estatuto, Registro e Atas. Desse modo, utilizamos no trabalho apenas as informações constante nas redes sociais da Entidade.

virtuais durante todo o mês, englobando o Movimento local e diversos aliados. Mesmo com todo afincamento e dedicação, a falta de reconhecimento e incentivo financeiro do poder público e da iniciativa privada e a não efetivação de políticas públicas que pautem a causa LGBTQIAPN+ dificultam a continuidade de várias ações praticadas pelo grupo.

Embora reconheçam o grau de dificuldade dos movimentos sociais LGBTQIAPN+ em *existir/resistir*, grandes conquistas já foram alcançadas. Projetos que resgatam a dignidade dessa população tão invisibilizada e discriminada ganham espaço e publicidade como o projeto de retificação de registro civil para pessoas transexuais, em parceria com a Comunidade Cidadã Livre (COMCIL) e a Faculdade Católica de Rondônia (FCR), além de diversas articulações interinstitucionais que têm sido provocadas pelo direito de pessoas LGBTQIAPN+ e, principalmente, pessoas *trans*, à saúde, à empregabilidade e à educação. A Entidade também faz um esforço em divulgar em suas redes sociais eventos realizados de outras organizações da sociedade civil organizada e do poder público.

Imagem 3 – Nova identidade visual



Fonte: <https://www.instagram.somar.coletivo/>

Ao analisar sua rede social, foi possível detectar que a publicação feita pelo Coletivo, no dia 04 de julho de 2022, aponta para seus objetivos e o chamamento para a luta e informa sobre a mudança na sua identidade visual. O que, segundo a própria entidade representa "um momento de renovação das energias para essa fase que se inicia". Aquela momento marcava o final das

atividades referentes ao mês do Orgulho 2022. A postagem trata sobre o significado das cores, a valorização do território de atuação (Rondônia) e as fontes que se mesclam ao demais elementos presentes na arte. Também mantém o símbolo + como indicativo da tentativa de união e inclusão das diversidades, "além de englobar as variadas orientações, identidades, expressões e características que se incluem e ainda podem se incluir" (@somar.coletivo, 2023)

A publicação, além de conclamar seus seguidores à permanente luta contra as violências sofridas, ainda delimita seu território de atuação, que é Rondônia, em um esforço de identificação territorial, valorizando as questões de ordem local e as raízes. Esse tipo de postagem aponta para uma tentativa de identificação do Coletivo com as pessoas [que a segue](#).

Já na publicação feita no dia 28 de agosto de 2023 (Imagem 4), o Coletivo destacou sua participação na Roda Conversa "As trajetórias pela Garantia de Direitos da População LGBTQIAPN+" em Rondônia, na 6ª edição da Semana Acadêmica de Psicologia, da Universidade Federal de Rondônia, destinado a acadêmicos/as e profissionais do curso de Psicologia. O objetivo foi apontar a consolidação de parcerias com outras entidades da sociedade civil organizada.

Outras publicações realizadas na página da Entidade no Instagram, apontam a realização de atividades em rede e realizadas por outras instituições, cujo público-alvo seja a população LGBTQIAPN+. Também existem postagem que destacam ataques contra a população lésbica e outros grupos de *peçoaspatricantesdissidentes*.

Imagem 4 – Roda de conversa “As trajetórias pela garantia de direitos da população LGBTQIAPN+”



Fonte: <https://www.instagram.somar.coletivo/>

Assim como em outras postagens realizadas nas redes sociais, percebe-se a necessidade de demonstração da ampliação de parcerias, bem como de participação em eventos, no intuito de aproximação com um público para além da comunidade LGBTQIAPN+. Compreende-se isso em relação às duas entidades analisadas. Os discursos apontam para a compreensão da criação de laços com a comunidade em geral, tanto na prevenção e denúncias de violências, mas também na busca pela efetivação dos direitos, inclusive, do direito à vida.

É no vale que a gente se encontra: caminhos trilhados por coletivos LGBTQIAPN+ no Maranhão e em Rondônia

Imagem 5 Live “Potencialidades do corpo preto e LGBTI+ em Porto Velho”



Fonte: <https://www.instagram.somar.coletivo/>

A publicação acima aponta para um discurso de inclusão da pauta racial pelo Coletivo Somar. Ao trabalhar a imagética de corpos pretos e suas potencialidades, a entidade aponta o caminho de trabalhar a partir da perspectiva das interseccionalidades. Apresentar para a sociedade imagens apresentando a pluralidade de corpos pretos LGBT+, estabelece uma conexão com outros atores sociais, como pessoas do movimento negro e que se alinham à pauta defendida pelo Coletivo.

Analisar o contexto vivenciado por esses dois coletivos é importante para que possamos reconhecer no movimento social a habilidade de se reinventar e não se fragmentar com intercorrências cotidianas. Conforme Maria da Glória Gohn (2011, p. 334), “deve-se buscar as redes de articulações que os movimentos estabelecem na prática cotidiana e indagar sobre a conjuntura política, econômica e sociocultural do país quando as articulações acontecem”.

Desse modo, esses coletivos vão se forjando no cotidiano, demarcando espaços de atuação, modificando suas estratégias e buscando a construção de redes, no intuito de levar suas pautas a territórios variados. A maneira como

articulam seus saberes, vivências e os *modosdeserviver* apontam novos caminhos para a luta diária.

“Essa Coca-Cola é Fanta”: possibilidades de um parecer inconclusivo permanente

Ao longo da escrita desse artigo, percebemos a intensa luta empreendida por esses dois coletivos formados por *peçoaspensantes* no enfrentamento a violências muitas vezes impetradas pelo próprio Estado, que, em tese, deveria ser o maior defensor de direitos. As conexões possíveis entre os dois coletivos analisados dizem respeito às temáticas levantadas por qualquer organização que atua na defesa de direitos de *peçoaspraticantes* LGBTQIAPN+.

As pautas giram em defesa de direitos à própria existência, incluindo as campanhas para a retificação do nome social e o não uso do “nome morto”, no caso das pessoas *trans*, até a luta por garantias de políticas públicas de saúde e o direito à união civil, uma pauta que esteve em debate nas últimas semanas.

Em termos de discursos, foi possível perceber que o Coletivo SOMAR está mais à frente no que diz respeito à própria composição do nome da Entidade, agregando todo o público LGBTQIAPN+, enquanto a AGLEPS ainda possui uma linguagem binária no nome, o que, de forma alguma, invalida toda a luta da entidade, que faz um trabalho de proteção e de enfrentamento a preconceitos e discriminações a pessoas LGBTQIAPN+, que encontram na Entidade uma forma de acolhida e segurança. Uma característica marcante desses movimentos é a compreensão de que é necessário expandir, avançar e adentrar outros espaços e territórios.

Observamos que ambas as instituições tem constante preocupação em contribuir na formação de novas lideranças e novos movimentos, promovendo encontros de formação e fortalecimento de laços também fora dos seus municípios de atuação. Também foi possível observar que os movimentos sociais, apesar de se reinventarem, tiveram sua atuação afetada de maneira negativa no período mais intenso da Covid-19, entretanto a AGLEPS e o SOMAR diferente do que se esperava, estrategicamente, foram adiante e abriram caminhos para construir novos mecanismos de coletividade e dar continuidade ao seu trabalho.

Referências

ACONTECE, ANTRA, ABGLT. [Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022 Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2023.](#)

[AGLEPS. Estatuto Social. Caxias/MA: AGLEPS, 2008.](#)

BARROS, Zelinda; UALI, Duda; FONSECA, Yuri Crisostomo. Brecha digital de gênero e raça na pesquisa sobre tecnologias digitais de informação e comunicação in CONRADO, Mônica; BARROS, Thiane Neves; ESTEVES Lorena (Orgs.). *Amazônia Negra: imagens, narrativas e saberes em diálogo*. Castanhal: Monteiro Editora; Belém: NOSMULHERES, 2022. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/1121/1/Livro_AmazoniaNegraImagens.pdf. Acesso em 04 de dezembro de 2023.

CARNEIRO, Sueli. Apresentação: o ser e o outro. In CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023, pp. 13-23.

CARVALHO, Angelita Alves de; BARRETO, Rafael Chaves Vasconcelos. A invisibilidade das pessoas LGBTQIA+ nas bases de dados: novas possibilidades na Pesquisa Nacional de Saúde 2019? *Ciênc. saúde coletiva*, v. 26, n. 9, p. 4059-4064, set. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/rwDkNhDCdyY5xdfyXNxmmGH/abstract/?lang=pt> Acesso em: 10/09/2023.

CASSINO, João Francisco; SOUZA Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Introdução. In: CASSINO, João Francisco; SOUZA Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Orgs.). [Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal. São Paulo: Autonomia Literária, 2021, p. 06-10.](#)

CAXIAS AGLEPS. *I Conferência Municipal LGBT de Caxias*. Caxias, 4 de novembro, 2015. Facebook: Agleps Caxias. Disponível em: https://www.facebook.com/paradadiversidade.caxias/posts/pfbid02C3M5eS87tCjViuwBVT3h7iq5VTqGKhZTTK6mREGHQLZyUsTsXWfy84tENSdGQMHAH?locale=pt_BR

CAXIAS AGLEPS. *Esclarecimento*. 27 de agosto, 2015. Facebook: Agleps Caxias. Disponível em: https://www.facebook.com/paradadiversidade.caxias?locale=pt_BR.

COLETIVO LGBTQIAPN+ SOMAR DE PORTO VELHO/RO. *Ata da 1ª reunião ordinária do conselho de coordenação*. Porto velho, 08 de setembro de 2019. COLETIVO SOMAR. *As trajetórias pela Garantia de Direitos da População LGBTQIAPN+*. Porto Velho, 28 de agosto de 2023. Instagram. @somar.coletivo. https://www.instagram.com/p/CwgpvSTLQBE/?img_index=1 Acesso em: 05 de dezembro de 2023.

COLETIVO SOMAR. *Nova identidade visual*. Porto Velho, 04 de julho de 2022. Instagram. @somar.coletivo.

https://www.instagram.com/p/CfmNSAuLBJV/?img_index=1 Acesso em: 05 de dezembro de 2023.

COLETIVO SOMAR. *Potencialidades do corpo preto e LGBTI em Porto Velho+*. Porto Velho, 18 de novembro de 2020. Instagram. @somar.coletivo.

<https://www.instagram.com/p/CHvs0ekjERd/>. Acesso em: 05 de dezembro de 2023.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de Educação*. v. 16, n. 47. p. 333-361, mai/ago. 2011. Disponível em:

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDCkCRVp/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 04/12/2023.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Edgardo (org). *Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, setembro, 2005. pp. 117-142. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf Acesso em: 13 de agosto de 2023.

MENEGON, Valdenia Guimarães e Silva; RIBEIRO, Jakson Santos. Os eventos do 06 de janeiro nos EUA e a emergência do tribalismo masculino.

Instituto Valdenia Menegon Maranhão. jan. 2022

<https://institutovaldeniamenegon.com/os-eventos-do-06-de-janeiro-nos-eua-e-a-emergencia-do-tribalismo-masculino/>
2023.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Estudos do cotidiano, pesquisa em educação e vida cotidiana: o desafio da coerência. In *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 9, n. esp., p. 162-184, out. 2008. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1050/1065>.

Acesso em: 05 de dezembro de 2023.

RECUERO, Raquel. *Introdução à análise de redes sociais*. Salvador: EDUFBA, 2017.

SANTOS, Richard. *Maioria minorizada: um dispositivo analítico de racialidade*. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

SILVEIRA, Sérgio, Amadeu da. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo coletivo. *Revista USP*, São Paulo, n. 86, p. 28-39, jun./ago. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13811/15629>. Acesso em:

05 de dezembro de 2023.

SUTACHAN, Helena. Movimento LGBTQIA+: em que consiste e qual é a sua história? A mente é maravilhosa. *Calle Concejo – Salamanca*, 22 dezembro,

É no vale que a gente se encontra: caminhos trilhados por coletivos LGBTQIAPN+ no Maranhão e em Rondônia

2022. Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/movimento-lgbtqia/>
Acesso em: 19 de setembro de 2023.

Recebido em: 17/11/2023.

Aceito em: 20/12/2023.

Valdenia Guimarães e Silva Menegon

Doutora em História-PPGH/UNISINOS; Gestora escolar na SEDUC-MA; professora na SEMECTI/Caxias-MA; Presidenta de honra do Instituto Valdenia Menegon; Vice-Lider do Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde/UNIR; interesse nos temas relacionados a raça, racismo, educação, diversidades, poder.

 valdeniasilvas@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/0228485272448875>

 <http://orcid.org/0000-0002-0326-3944>.

Sâmia Valéria Nascimento de Oliveira

Mestranda do Mestrado Acadêmico em Educação – UNIR; UNIR; Pesquisadora em Produtividade do Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde/UNIR; temas de interesse: educação, diversidades, letramento racial.

 samia.olivei@gmail.com/

 <http://lattes.cnpq.br/381619258926550>

 <http://orcid.org/0000-0002-9696-3881>

Geyciele Quézia Silva Dourado

Acadêmica de Serviço Social do UniFacema; presidenta do Instituto Valdenia Menegon; Pesquisadora em Produtividade do Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde/UNIR; temas de interesse: raça, racismo, diversidades, mulherismo africana.

 queziadourado6@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/3358363933934022>

 <http://orcid.org/0000-0003-0007-0398>